

Camilo Pessanha

# Clepsydra



Camilo Pessanha

**Clepsydra**

«Public Domain»

**Pessanha C.**

Clepsydra / C. Pessanha — «Public Domain»,

## Содержание

|                                   |    |
|-----------------------------------|----|
| INSCRIÇÃO                         | 5  |
| SONÊTOS                           | 6  |
| ESTATUA                           | 7  |
| PHONOGRAPHO                       | 8  |
| Конец ознакомительного фрагмента. | 10 |

# **Camilo Pessanha**

## **CLEPSYDRA**

### **INSCRIÇÃO**

Eu vi a luz em um paiz perdido.  
A minha alma é languida e inerme.  
Oh! Quem pudesse deslizar sem ruido!  
No chão sumir-se, como faz um verme...

## SONÊTOS

Tatuagens complicadas do meu peito:  
– Trophéos, emblemas, dois leões alados...  
Mais, entre corações engrinaldados,  
Um enorme, soberbo, amor-perfeito...

E o meu braço... Tem de oiro n'um quartel  
Vermelho, um lys; tem no outro uma donzella,  
Em campo azul, de prata o corpo, aquella  
Que é no meu braço como que um broquel.

Timbre: rompante, a megalomania...  
Divisa: um ai, – que insiste noite e dia  
Lembrando ruínas, sepulturas rasas...

Entre castelos serpes batalhantes,  
E aguias de negro, desfraldando as azas,  
Que realça de oiro um colar de besantes!

## ESTATUA

Cancei-me de tentar o teu segrêdo:  
No teu olhar sem côr, – frio escalpello, —  
O meu olhar quebrei, a debate-lo,  
Como a onda na crista d'um rochêdo.

Segrêdo d'essa alma e meu degrêdo  
E minha obsessão! Para bebe-lo  
Fui teu labio oscular, n'um pesadêlo,  
Por noites de pavor, cheio de medo.

E o meu osculo ardente, allucinado,  
Esfriou sobre o marmore correcto  
D'esse entreaberto labio gelado...

D'esse labio de marmore, discreto,  
Severo como um tumulto fechado,  
Serêno como um pélago quieto.

## PHONOGRAPHO

Vae declamando um comico defunto,  
Uma platêa ri, perdidamente,  
Do bom jarreta... E ha um odôr no ambiente  
A crypta e a pó, – do anachronico assumpto.

Muda o registo, eis uma barcarola:  
Lirios, lirios, aguas do rio, a lua...  
Ante o Seu corpo o sonho meu fluctua  
Sobre um paúl, – extática corolla.

Muda outra vez: gorgeios, estribilhos  
D'um clarim de oiro – o cheiro de junquilhos,  
Vivido e agro! – tocando a alvorada...

Cessou. E, amorosa, a alma das cornetas  
Quebrou-se agora orvalhada e velada.  
Primavera. Manhã. Que effluvio de violetas!

Desce em folhedos tenros a collina:  
– Em glaucos, frouxos tons adormecidos,  
Que saram, frescos, meus olhos ardidos,  
Nos quaes a chamma do furor declina...

Oh vem, de branco, – do immo da folhagem!  
Os ramos, leve, a tua mão aparte.  
Oh vem! Meus olhos querem desposar-te  
Reflectir-te virgem a serena imagem.

De silva doida uma haste esquiva  
Quão delicada te osculou num dedo  
Com um aljôfar côr de rosa viva!...

Ligeira a saia... Doce brisa impelle-a...  
Oh vem! De branco! Do immo do arvoredo...  
Alma de sylpho, carne de camelia...

Esvelta surge! Vem das aguas, nua,  
Timonando uma concha alvinitente!  
Os rins flexiveis e o seio fremente...  
Morre-me a bocca por beijar a tua.

Sem vil pudôr! Do que ha que ter vergonha?  
Eis-me formoso, môço e casto, forte.  
Tão branco o peito!– para o expôr á Morte...  
Mas que ora— a infame!– não se te anteponha.

A hydra torpe!... Que a estrangulo... Esmago-a  
De encontro á rocha onde a cabeça te ha-de,  
Com os cabellos escorrendo agua,

Ir inclinar-se, desmaiar de amor,  
Sob o fervor da minha virgindade  
E o meu pulso de jovem gladiador.

Depois da lucta e depois da conquista  
Fiquei só! Fôra um acto anthipatico!  
Deserta a Ilha, e no lençol aquatico  
Tudo verde, verde, – a perder de vista.

Porque vos fostes, minhas caravellas,  
Carregadas de todo o meu thesoiro?  
– Longas teias de luar de lhama de oiro,  
Legendas a diamantes das estrellas!

Quem vos desfez, formas inconsistentes,  
Por cujo amor escalei a muralha,  
– Leão armado, uma espada nos dentes?

Felizes vós, ó mortos da batalha!  
Sonhaes, de costas, nos olhos abertos  
Reflectindo as estrellas, boquiabertos...

Quem polluiu, quem rasgou os meus lençoes de linho,  
Onde esperei morrer, – meus tão castos lençoes?  
Do meu jardim exiguo os altos girasoes  
Quem foi que os arrancou e lançou no caminho?

Quem quebrou (que furor cruel e simiêsko!)  
A mesa de eu cear, – tabua tósca de pinho?  
E me espalhou a lenha? E me entornou o vinho?  
– Da minha vinha o vinho acidulado e fresco...

Ó minha pobre mãe!... Não te ergas mais da cova,  
Olha a noite, olha o vento.  
Em ruina a casa nova... Dos meus ossos o lume a extinguir-se breve.

Não venhas mais ao lar. Não vagabundes mais.  
Alma da minha mãe... Não andes mais á neve,  
De noite a mendigar ás portas dos casaes.

## **Конец ознакомительного фрагмента.**

Текст предоставлен ООО «ЛитРес».

Прочитайте эту книгу целиком, [купив полную легальную версию](#) на ЛитРес.

Безопасно оплатить книгу можно банковской картой Visa, MasterCard, Maestro, со счета мобильного телефона, с платежного терминала, в салоне МТС или Связной, через PayPal, WebMoney, Яндекс.Деньги, QIWI Кошелек, бонусными картами или другим удобным Вам способом.